

Portugal e Brasil



Dr. Henrique de Vilhena

Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa

O illustre lente catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa e antigo reitor da Universidade de Coimbra, Sr. Dr. Henrique de Vilhena, douto homem de sciencia doublé de eminente homem de letras, vem prestar um belo serviço a Portugal e Brasil, com o seguinte notavel artigo, acompanhado de interessantes cartas inéditas de Joaquim Nabuco ao dr. Alberto de Carvalho, duas grandes figuras do Brasil moderno.

O distinto Professor de Anatomia tem hoje uma importante e extensa obra, quer no campo scientifico, quer no literário. Naquele bastará citar apenas o «Arquivo de Anatomia e Antropologia», de que recentemente saiu o vol. XIII (1929-1930), que honra a medicina portuguesa perante o estrangeiro e no segundo será sufficiente mencionar a «Expressão da Colera na Literatura», pois ella por si marca a distinta personalidade do seu autor.

Estamos certos que o Brasil ficará muito reconhecido ao erudito Professor da Universidade de Lisboa, Sr. Dr. Vilhena, por vir revelar essas curiosas cartas, documentos psicologicos de alto valor, que, sob mais de um ponto de vista, são, juntamente com o brilhante artigo que as acompanha, dignas de ser lidas por todos — brasileiros e portugueses.

Algumas cartas de Joaquim Nabuco ao dr. Alberto de Carvalho

Estamos de posse dessas cartas que nos foram dadas pela irmã do Dr. Alberto de Carvalho, advogado distintissimo e não menos distinto publicista, do Rio de Janeiro, —ao tempo de sua morte d'elle, ha onze ou doze anos. Aquella senhora, falecida alguns anos depois de seu irmão, teve em Lisboa demorada residência e aqui se finou em grande desamparo.

O Dr. Alberto de Carvalho, filho do médico homeopata Dr. Maximiano Marques de Carvalho, pessoa de grande cultura médica e muito conhecida no Rio de Janeiro, onde fundou (se não estamos em erro) a Escola Homeopática do Brasil, em 1882, de que foi director (1), —o Dr. Alberto de Carvalho, dizemos, nasceu no Rio de Janeiro. Desde criança viveu e foi educado

em Paris onde se bacharelou em letras e se graduou em direito, voltando a residir na terra natal em 1876, e iniciando então carreira brilhante de jurisconsulto e publicista sociólogo e politico.

A mão temos numerosos dos seus escritos em que avultam os panfletos *A Lanterna* (de 1876 o 1.º vol.) assinados por Octavio Carvalho (pseudonimo), inspirados em suas convicções republicanas e na *Lanterne* de Henri Rochefort, *Libellos fluminenses*, a *Verrina*, as *Verdades*, *Imperio e republica dictatorial* (livrinho de 1891), muito valiosos opúsculos de questões forenses, o esplêndido livro *Causas celebres brasileiras* (1898), as memórias sobre a sepultura dos restos mortais de Pedro Alvares Cabral

(1) Presentes os seguintes trabalhos publicados, da autoria desse médico muito culto.

Tatamento homeopático da cholera-morbus, Clinica da Enfermaria de Nossa Senhora de Conceição, Rio de Janeiro, 1856. — Quelques considérations sur la fièvre jaune. Moyens prophylactiques de cette maladie, etc Paris, Imprim. d'Adolphe Blondeau, R. du Petit-carreau, 26, 22 Juin 1857. — Memoria sobre o fluido electro-dinamico

applicado ás cidades para as fazer saudaveis e florescentes. Rio de Janeiro, 1874. — Terremoto no Rio de Janeiro. Conductores electro-teluricos deduzidos dos para-raios, de Franklin. Thyph. Camões, Rua do Hospicio n.º 139, 26 de Maio de 1886. — Patnogenia da febre amarella e a inculcação prophylactica maximiliana. Sem Ind. de lug. de impres. ou public. e sem data). Patnogenia e prophylactica do cholera-morbus (13)

(1902-1903), as *Leis inconstitucionaes e reacções* (1908), etc., etc.

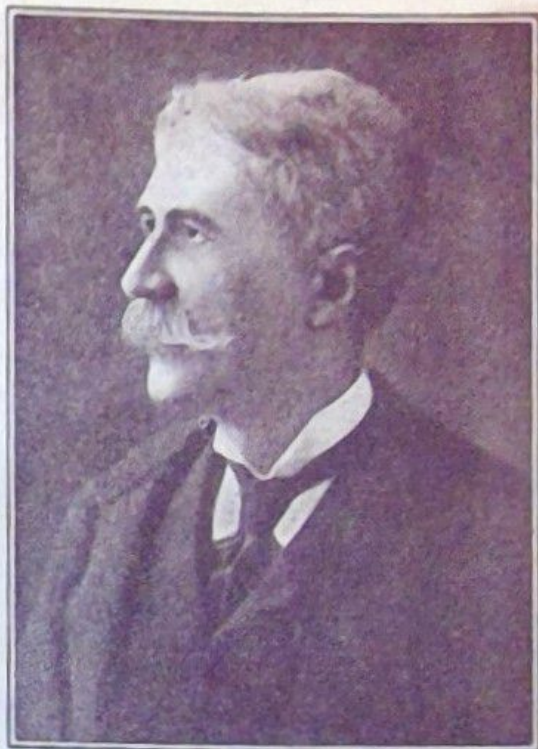
Ao fim destas curtas palavras e das cartas transcritas vai, como nota, a lista bibliográfica das publicações de Alberto de Carvalho, que podemos haver, a qual, de forma bastante directa e precisa, informará de sua distintíssima iniciativa mental.

Contribuiu também Alberto de Carvalho para o jornalismo político e social, no *Correio da Tarde*, do Rio de Janeiro, e pertenceu ao grupo de Lopes Trovão, colaborando em seus trabalhos (conferências e comícios), entre eles o famoso comício de 1883, no largo do Rossio do Rio de Janeiro, em que por igual esteve Joaquim Nabuco e que a polícia dispersou violenta e atrabiliariamente. (1)

A sua carreira forense foi brilhantíssima, como se pode verificar, por ex., nas *Causas célebres brasileiras*, e entre os seus triunfos conta-se o ter feito vingar o princípio do Cômputo integral da prisão preventiva na pena legal, sobre que escreveu uma memória (I, 16, da Bibliogr.) e que defendeu perante o Supremo Tribunal Federal brasileiro.

Era dotado não só de grande cultura jurídica mas também de relevantes qualidades de orador forense, podendo dizer-se que estas mesmas, além de originadas na espontânea eloquência de um espírito lúcido e coração sensível e entusiasta, na cultivada leitura — se não erramos — da grande oratória judiciária francesa, desde outros séculos até ao XIX, em que se salientaram com muitos mais, um Juvénal des Ursins (sec. xv), um E'tienne Pasquier (xvi), um Patru, Poussel de Montaubant, Péllisson, D'Aguesseau (xvii), Dupaty, Mirabeau, E'lie de Beaumont (xviii), os Dupin, de Marchangy (xix), etc. (2)

Esteve Alberto de Carvalho em Lisboa, com maior demora, em 1898, 1902 e 1911, tendo nós tido, nessa última data, a grande satisfação de o conhecer pessoalmente, facilitado o nosso encontro como vizinhos que fomos de casa e rua. (3) Em Portugal, em 1902, votou-se à reabilita-



Joaquim Nabuco

ção e glorificação da sepultura e restos de Pedro A'lvares Cabral, que se encontram na Igreja da Graça, em Santarém. Assim, Alberto de Carvalho, com o seu sentimento em que havia muito de educação literária e romântica, em sentido distinto e elevado, lançava mais um elo entre o grande país adolescente e florescente sua Pátria, e a velha nação gloriosa e materna, — nem sempre, pobre dela! sabendo ou podendo ser maternal.

E não só um elo, mas uma prova a mais de que os tempos muito mudavam do que tinham sido, em seu espírito, no último quartel do século XIX entre Portugal e o Brasil. De lá desprezo, despeito sobretudo, porque julgavam não serem ou não poderem tornar-se o que deviam ou gostavam de ser, e atribuindo-o malsentidamente à influência portuguesa, na origem e no decurso habitual; de cá desconhecimento e desprezo, como de superiores e mais perfectos, que transpareciam facilmente até na conversação dos homens mais distintos, pela qual os brasileiros se desenhavam muitas vezes sob aspecto mes-

(1) Ajudam-nos no presente artigo as duas seguintes notícias biográficas: Dr Alberto de Carvalho, no semanário *Boa do Ouvridor*, a, lv, Rio de Janeiro, 7 de Dez. de 1901. — Alberto Marques de Carvalho no *Diário Illustrado*, jornal de Lisboa, 28 de Julho de 1903.

(2) No Rio de Janeiro os altos méritos de Alberto de Carvalho, como tribuno forense e como jurista, eram devidamente apreciados. Não resistimos a transcrever algumas palavras dum artigo a propósito das *Causas célebres brasileiras*, quando este livro foi dado a lume, num dos periódicos do Rio, a *Gazeta de Notícias*, em n.º que temos a vista, de 21 de Ag. de 1898. Ali se designa Alberto de Carvalho de «um dos primeiros vultos da nossa tribuna criminal», e se diz ainda, por ex.: «o livro... representa a experiência consumada de um mestre do jury em um largo e denso tirocinio» — e: «selecção de trabalhos e estudos forenses seus do mais alto e variado interesse pela diversidade de assumptos e importancia dos processos em

que elle figurou como advogado. O eloquente patrono de tantos pleitos, que todos occuparam e alguns agitaram o nosso publico mostra nessa publicação o mais penetrante conhecimento da engrenagem do crime, das fraquezas invencíveis da paixão ou da valdade humana, da influencia que o indifferentismo, a curiosidade, os vicios da epoca e do ambiente social exercem sobre os degenerados que um impulso irresistivel leva a se pôrem em evidencia, assim, como deixa ver a mais intima familiaridade com as peculiaridades e os preconceitos dos tribunais, especialmente com a psychologia do jurado, que possui tão bem como a do criminoso.»

(3) Cremos não errar relacionando o nosso primeiro encontro e as primeiras palavras que trocámos a algumas meses subsequentes ao movimento revolucionário que implantou a república em Portugal, como todos sabem a 5 de Outubro de 1910.



Dr. Alberto de Carvalho

mo risível. Anecdotas inferiores corriam sobre eles, por ex., de seu porte marcial na guerra do Paraguai.

Tal estado de coisas refletia-se com acrimónia no Brasil, ao ponto de, por ex., Sílvia Romero, no conhecido prefácio a um livrinho de versos (de Osório Duque Estrada), *Alveolos* (Rio de Janeiro, 1887), tratar a cultura mental portuguesa de forma prejorativa e menoscabante, — fazendo-o em acto de comparação com a brasileira.

Não preguntava êle, por ex., lá do supedâneo do seu orgulho individual e nacional, como em feixe de «punhado de verdades», que vinha a ser «essa sovinaria de talentos (referindo-se a Rebêlo da Silva, Pinheiro Chagas, Soares de Passos, João de Deus, Ramalho, Quental, Oliveira Martins, Eça e Junqueiro, e outros mais) em face do romantismo brasileiro que teve cinco ou seis phazes cada qual mais variada, mais intensa, mais imponente»? E o resto pelo teor — mesquinha e intencionalmente depreciativo.

Respondeu-lhe outro brasileiro, espírito desanuviado, escritor primoroso, gracejador exímio, Valentim Magalhães, repondo as coisas no seu lugar (nas suas *Notas á margem*, a. I, n.º 1, Rio de Janeiro, 1887), como por cá também — em permuta de tais atitudes de bom senso e discernimento — alguns espíritos havia devidamente advertidos sobre o Brasil e a gente brasileira, mas, não obstante, as coisas mantinham-se no pé antipático e ininteligente, para o qual nós, os portugueses, talvez fôssemos os mais culpados porque devêramos ser os mais tolerantes e compreensivos. Hoje, felizmente, tudo é muito diferente. Estimamo-nos uns aos outros e se do Brasil ainda uma ou outra vez se nos lança pequena seta envenenada de suco de planta nati-

vista, de Portugal (conhecemo-lo bem) não vai para o Brasil senão estima e admiração carinhosa — e até nobre orgulho (chegou tarde, mas chegou, enfim) de ter sido o fautor primeiro daquela grande Nação. Hoje os homens distintos de lá e de cá são acolhidos, cá ou lá, com hospitalidade a mais deferente senão em regra a mais calorosa.

Joaquim Nabuco, de quem ainda nada dissemos, homem dos mais ilustres do Brasil, de renome internacional sobretudo em vista de sua acção na campanha de abolição da escravatura no Brasil, findada triunfalmente com a lei de 13 de Maio de 1888, foi também uma das pessoas que bastante contribuíram, indirectamente talvez, para se criarem laços de mútua e fructífera estima entre os dois povos. Indirectamente mas de modo certo e eficaz, em vista do seu culto, persistente e eloquente, ao nosso poeta nacional, revelado e fundamentado, desde cedo em sua vida literária, com a obra *Camões e os Lusíadas*, de 1872, quando tinha apenas 23 anos. A vida política, literária, e diplomática de Joaquim Nabuco é bem conhecida, no particular e no geral, já o era, mas o excelente livro de sua filha, D. Carolina Nabuco, de que saiu a 2.ª edição, que temos presente, em 1929, no Rio de Janeiro, intitulado *A vida de Joaquim Nabuco*, no-la apresenta de forma relevante, sapiente, documentada, atraente e criteriosa, digna das mãos carinhosas de Filha dedicada e do cérebro limpo de Senhora muito culta e inteligente.

Joaquim Nabuco, além de político e diplomata, de carreira desafrontada e marcante, foi literato — crítico e historiador — deixando o seu nome, como tal, nesta fase do seu espírito, pelo último quartel do século XIX, junto dos de Eduardo Prado, Sílvia Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Na história avultam-lhe as obras: *Um estadista do Imperio*, *Balmaceda e a Intervenção estrangeira durante a revolta*, e ne critica os estudos sobre Camões, transmitidos em conferências, quasi todos, que foram realizadas nas Universidades de Yale e de Cornell e no Colégio Vassar, na América do Norte, onde foi embaixador do Brasil e onde faleceu, em Washington, em 1910. Na sua vida literária marcam ainda, como pensamento crítico, *Minha formação* e *Pensées détachées*.

Não resistimos, para fazer sentir ao leitor português uma vibração da percuciente exactidão do espírito de Joaquim Nabuco, a transcrever pequena coisa, trecho rápido e ao correr da voz e da pena, mas que logo o revela com aquela qualidade tão necessária ao homem de estado. Isso, êsse pouco — apenas o parece, porque ao derivar fácil da palavra, — exemplo entre muitos, vê-se na conferência no teatro Politeama do Rio de Janeiro, a 22 de Junho de 1884, encartada no movimento abolicionista:

Quanto aos sociologistas, quanto a esses que entendem, dizia Joaquim Nabuco, que a raça negra não está preparada para a liberdade; que a nossa população, os onze milhões de habitantes que temos, não são aptos para tomarem conta do proprio territorio e querem a colonização estrangeira, o chim ou o europeu, como successor necessario dos elementos de trabalho nacional, responderei que, bem ou mal, quer isto agrade, quer não agrade, o territorio do Brasil não está em leilão e pertence á raça que nelle existe. O dever dos bons cidadãos, dos que amam a sua terra e a sua gente, é procurar modificar o estado de coisas que existe e destruir os molivos que afastam a nossa população do trabalho e as causas que a impedem de trabalhar. Bem ou mal o Brasil é dos Brasileiros, e é dos Brasileiros, — que eles tenham estímulos e facilidades para o trabalho, e a propriedade — que o estadista deve cuidar como do seu primeiro dever."

A par de tais e tão preclaros merecimentos, avaliavam ainda as qualidades da eloquência, ao mesmo tempo lógica e imaginativa, reflectida e emotiva — era Joaquim Nabuco orador notável, — e as de bela presença física e trato pessoal afável, e de tudo se pode dizer ter derivado a sua carreira brilhante, série de naturais e esperados triunfos, e por tudo ainda pode elle ser chamado homem ditoso; na verdade as suas qualidades eram as próprias a pôrem-no em destaque, no seu tempo e no seu meio, e a serem compreendidas, apreciadas e enaltecidas, e a permitirem se firmassem em êxitos as iniciativas em que teve acção importante, do ponto de vista politico, diplomático e, de modo genérico, social.

Isto assim se impõe a quem conheça a vida e a obra de Joaquim Nabuco, ou a quem leia o livro de sua filha, e nesta oportunidade não podemos deixar de recordar as sagazes palavras de um critico — sr. Ronald de Carvalho — em artigo apparecido há anos — *A historia e a critica no Brasil, 1870-1900* — no n.º 1 da *Revista Nacional*, Junho de 1919, do Rio de Janeiro, nas quaes aponta que o seu «pensamento (de Joaquim Nabuco) se reveste sempre de uma doçura salisfeita e de uma discreção amavel e polida, a que uma ligeira ironia se mistura» — halo verdadeiro e sensível de sua obra em conjunto, de sua forma literária, e, enfim, de sua personalidade. Tal nuança, semelhante matiz psychico podem apreciar-se tambem em alguns trechos das cartas de Joaquim Nabuco, em breve aqui transpostas — que precisamente no-las fizeram reconhecer antes que muito atentássemos nas palavras do sr. Ronald de Carvalho.

Mas Joaquim Nabuco, se o virmos de ponto de vista nosso, nacional, tem para nós interesse

distinto e encanto particular, pelo interesse e encanto que o nosso maior poeta, que da sua nacionalidade se pode dizer também, lhe poudo e soube inspirar, a elle próprio. Fervorosamente apaixonado, sem deixar de o ser lucidamente, pela obra de Camões, dedicou-lhe muitos dos seus pensamentos mais brilhantes, de suas palavras mais castiças. Tenho presentes uns dêles, do discurso pronunciado em 10 de Junho de 1880, no Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, em lembrança do 3.º Centenário de Camões. Síntese radiosa nas seguintes palavras: «A' estatura ideal do homem moderno, Shakespeare deo a vida, Milton a grandeza, Schiller a liberdade, Goethe a Arte, Shelley o Ideal, Byron a revolta, e tu (Camões) lhe deste a patria.» E daí em séguida, até o fim próximo da notável oração, as palavras de Joaquim Nabuco desprendem-se ainda altívolas, na justa apoteose, e, sem embargo, exactas e perfeitas:

«A tua glória não precisa mais dos homens. Portugal pode desaparecer, dentro de seculos, submergido pela vaga Europêa, elle terá em cem milhões de brasileiros a mesma vibração luminosa e sonora. O Brazil pode deixar, no decurso de milhares de annos, de ser uma nação latina, de fallar a tua lingua, pode dividir-se em campos inimigos, o seu genio viverá intacto nos *Lusiadas*, como o de Homero na *Iliada*. Os *Lusiadas*, podem ser esquecidos, desprezados, perdidos para sempre, tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa dos espíritos divinos, como Empédocles e Pythagoras, como Appelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome.»

Mas emfim, até lá, até então, o Poeta divino — dizemo-lo, acompanhando o final do já breve texto de Nabuco — viverá no coração do seu povo, o seu túmulo será, como o de Mahomet, a pátria de uma raça, e ainda por séculos e evos o seu centenário fará ressurgir na mais limpida e nobre emoção as duas Nações de lingua portuguesa, onde será sempre prestado o tributo de veneração e amor á alma e á glória do Poeta...

As cartas que se seguem são pois de uma das personalidades mais illustres do Brasil para outra de toda a distinção mental. Por elas se vê a intimidade, menos talvez de nutrida convivência, que propriamente espiritual, que houve entre as duas. No livro de D. Carolina Nabuco não vem — não vimos — qualquer allusão ao Dr. Alberto de Carvalho. Ele e Joaquim Nabuco nutriam entre si verdadeira amizade. Com tal sentimento enaltece-se ainda mais, e em conjunto, a recordação dos dois insignes Brasileiros.

AS CARTAS

Rio 4 Set (1)

Meu caro Amigo

Sempre o eloquente defensor do opprimido! Que alma de Malesherbes se esconde n'esse Desmoulins! V. lavrou um tento com a sua citação de Lamartine. Devolvo-lhe os seus preciosos livros, de muito boa leitura agora, e breve irei dar-lhe o abraço da despedida.

Do seu
JOAQUIM NABUCO

Paquetá, Dez. (2)

Meu caro Alberto:

Quando vem passar um Domingo connosco em Paquetá? A barca sai do Largo do Paço (?) ás 9 horas da manhã e volta d'aqui ás seis da tarde. Uma hora de viagem. Tenho um escaler no Porto das Barcas para trazel-o ao nosso retiro. Agora decida-se pelo primeiro Domingo.

V. apenas encontrará aqui dois ou tres amigos que não são da policia secreta, eu lhe affirmo.

Se eu não o comprometto não faz mal que V. me comprometta.

Agora um pedido.

Lembro-me que V. tinha um carpinteiro muito bom para as suas estantes. Quere V. dar a esse ou algum outro a seguinte encomenda?

(Segue longa e especificada encomenda de três estantes e de uma cómoda, e depois:)

Adeus meu caro Amigo e até um dia que V. precise descansar de tanta republica.

Saude e Fraternidade, sobretudo Saude. Muitas saudades ao Dr. Maximiliano (3). Do seu ex corde.

JOAQUIM NABUCO

22 Park Street — Park Lane

Londres 21 Out. (4)

Meu caro Alberto,

Ahi vai o meu endereço. De vez em quando espero que V. me dê noticias suas mais intimas

(1) Não podemos facilmente determinar o ano em que foi escrita esta carta.

(2) Cremos pertencer a presente carta ao periodo em que Joaquim Nabuco, pelo advento da Republica brasileira, se retirou á vida privada (1889-1899), por bastante tempo na sua vivenda de Paquetá, periodo que sua filha chama de «meditação» e no qual escreveu quasi todas as suas obras mais importantes.

(3) Era o pai do Dr. Alberto de Carvalho, Alberto de Carvalho foi, e assim geralmente o reconheciam, filho devotissimo.

(4) Cremos ser esta carta de 1890, estando Nabuco em Londres pelos primeiros meses de 1891 e, julgamo-lo, os ultimos de 1890.

do que pelo *Jornal*. Tambem esse mudou de mãos! Está-se vendendo tudo no Brasil! D'ahi a pouco as familias passam a vender os jazigos aos *nouveaux riches* do Ruyismo! E' um triste signal caracteristico — e a eleição do... (nome difficil de esclarecer, para nós) e do Figueiredo imprime o grande cunho de uma verdadeira Bolsa argentina ao primeiro Congresso da Republica. E' uma republica de bolsa — a agiotagem completa a obra do escravismo e do militarismo. Já se pode mandar rezar por alma do pobre povo. E V. que tinha esperança n'esse suicidio!

Adeus e saudades a seu Pae do

Amigo certo.
JOAQUIM NABUCO

13 de Maio

(16 Cheyne Gardens,
London, S. W.) (5)

Meu caro Alberto,

Muito obrigado pelo seu volume, cuja duplicata expedi ao meu amigo Rio Branco. tinha lido o exemplar do Dantas, de uma assentada, como o C. de Laet. O Gaspar está muito penhorado com as suas palavras a respeito d'elle. E' inutil repetir-lhe quanto divirjo do seu ideal, dos methods politicos e associados que V. prefere. Para mim V. é um monarchista que não se conhece a si mesmo, ou por outra, que toma certos impulsos litterarios de sua intelligencia por verdadeira caracteristica do seu temperamento politico, em vez de tomar os instinctos profundos do seu coração. Um desses catholicos que se julgam atheus e só se sentem religiosos em frente da morte, isto é, a primeira vez que encaram o problema face a face. O fermento litterario ou a fermentação do meio, não se confunde com o sentimento que brota das fontes da vida. Lamartine, republicano de 1848, o que foi! Agora está-se vendo o que foi Michelet (1) e todo o mundo sabe o que foi V. Hugo quando era só poeta. Monarchistas, meu caro, como V. E o seu livro (que revela uma tendencia para a reconsideração do caminho feito e da direcção seguida) torna isso evidente para mim. Litterariamente falando, o que V. escreveu é a unica medida verdadeira e exacta que V. deu até hoje das pronorções, da flexibilidade, da suavidade do seu talento, e sinceramente o felicito. Quem sabe se V. ainda não nos está reservando MAIS para a *Apologia pro Vita mea*, que essa arlequinada propria de uma nação em decomposi-

(5) Timbre do papel. Julgamos que esta carta é de 1892, pois pelo 2.º mês desse ano até Agosto, se encontrava na Europa.

ção antes que de um paiz novo, lhe ha-de sugerir algum dia! Venha isso quanto antes, meu caro, e lembre-se então de mim.

Ahi vai uma pagina que foi lida á Princeza de sua acção V. tão finamente e com tanta verdade quanto originalidade de traço, assignala no seu livro) no anniversario do celebre 13 de Maio. Ha só uma palavra a meu respeito que não lhe agradeço, o tal *echo*.

Por ultimo uma noticia tambem para seu Pai a quem peço que me recomende muito, e é a do nascimento de um filhinho nosso, a quem dei o nome de Mauricio. Espero que Deus o conserve e que elle possa herdar com a virtude da Mãe o talento e o character do Avô.

Adeus, meu caro Alberto.

Todo seu sempre

JOAQUIM NABUCO

P.S. Não lhe pergunto pela sua saude porque o seu livro é a melhor prova de sua vitalidade. E' materia pensante plastica, vibratil, rica de fluido, o que se vê alli, e não esforço, mechanismo, moagem de palavras sem idéa, como o de tantos que ainda se julgam no apogeu. Ainda por esse lado eu o felicito.

Senti tanto a morte do nosso amigo Dr. Monteiro de Azevedo. Que typo sympathico de juiz, e de homem, de uma coisa talvez porque de outra!

J. N.

Rio, 27 de Abril 1899.

Meu caro Alberto,

Pretendo ir dar-lhe um abraço, mas como V. é o homem mais atarefado do mundo e o mais ausente da casa, e por outro lado o que eu não quizera fazer me impede de fazer o que eu mais quizera, é possivel que eu parta sem nos abraçarmos e por isso quero prevenil-o de que estou, onde quer que V. me saiba, tão ao seu dispôr como nos tempos em que não nos deixáramos nunca. Até lá, meu querido Amigo, e sempre o que fizer, escrever, lembre-se-o de o mandar a seu velho amigo.

JOAQUIM NABUCO

P. S. Se nos demorassemos em Lisboa iria logo ver as Sr.^{as} sua Mãe e Irmã. Espero, porém, ainda encontral-o em companhia d'ellas em algum logar que lhe tenha ficado caro ao coração.

J. N.

23 de Junho de 1902

52, Cornwall Garden,
Queen's Gate, S. W. (1)

Meu caro Alberto,

V. pôde calcular o prazer que me deo sua carta, quando vi que o sello era de Lisboa.

Estamos n'este momento na maior gloria de Londres e sinto que sua visita não coincida com as festas da Coroação. Creio, porém, que não a receberei nunca. V. atravessou o Atlantico, mas supponho que não atravessaria a Mancha. Ha no seu temperamento tanto de latino, se não ainda mais de gaulez, que não o imagino pagando á Inglaterra o tributo de uma visita.

Breve conto estar no Continente e em Pariz, em Pariz, sim, esperaria eu encontral-o de novo. Mande-me dizer seus planos, para ver se nos podemos arranjar de modo a nos avistarmos na Europa. Pergunto a todos sempre noticias suas, mas prefiro tel-as de V. mesmo, e talvez deste lado V. tenha mais tempo para dar aos amigos, do que os minutos que V. lhes dava no Rio de Janeiro com o tilbury á porta. Muito estimarei que a saude da Sr.^a sua Mãe se consolide. Agradeço-lhe as boas noticias que me dá de minha Mãe. Com meus respeitos a essas Senhoras e as mais saudosas recordações da nossa antiga convivencia, sou sempre seu
am.^o aff.^o

JOAQUIM NABUCO

Cambo Nov. 27 1902

Meu caro Alberto,

A sua idéa é nobilissima e o desempenho que V. lhe deo perfeito. Agora ajude Deus a sua bella iniciativa.

Já lhe agradei os seus pesames que muito me commoveram. V. sabe o que são esses golpes.

Vim para este lugar por uns 15 dias por necessidade de descanso. Volto amanhã para Londres. Em Janeiro devo estar em Roma. Não o veremos lá?

Este anno, meu caro Amigo, minha correspondencia particular ficará de facto suspensa pela minha parte; isto, como V. foi sempre cavalheiroso, será, estou certo, uma razão mais para V. dar-me noticias suas, perdoando-me a divida.

Meus respeitos á Sr.^a Sua Mãe e Irmã e sempre seu mt.^o dedicado.

JOAQUIM NABUCO

Escrevo-lhe em papel da terra. Não creio, que atravesse os seculos. Neste *scripta non manent*.

(1) Timbre de papel.

Londres, 18 de Dez. 1902

Meu caro Alberto,

E' a minha vez de abraçar-te e de enviar-te a minha mais viva sympathia. Sabes que te tive sempre como o modelo dos filhos, de uma virtude filial antiga, e cavalheiresca, e por isso calculo bem o teu isolamento. Sempre, porem, te vi tambem Christão verdadeiro, e a fé na outra vida, quando se a tem *verdadeiramente*, tira á morte dos entes amados a peor das tristezas. Não é uma extincção, é uma separação sómente, do que te podes consolar por saberes que estão do bom lado.

Adeus, meu caro Amigo. Em Janeiro devo estar em Pariz, e em Fevereiro em Roma. Até onde? Roma deve falar muito á tua imaginação e ao teu (tambem meu) Chateaubrianismo.

Rogo apresentes meus sentimentos á Sr.^a tua Irmã. Ella é hoje (os homens andam sempre fora e teem outros interesses, ou afastamentos, na vida, mas ellas ficam sempre em casa e a familia é tudo para ellas) a depositaria unica das tradições, dos ritos, da lingua mesmo, da familia extincta, e por isso se terá tornado *tudo* para ti

Do teu sempre
JOAQUIM NABUCO

Cannes, 19 de Maio de 1903

Meu caro Alberto,

Recebi ha tempos a sua remessa sobre a bella iniciativa que V. tomou em relação ao nosso descobridor e só posso dizer-lhe que ella está de accordo com a sua ardente e sempre nobre imaginação. E' o caso apenas de mandar-lhe parabens, e nao de commentar o seu «gesto».

Antes V. me havia escripto desejoso de um Consulado. Tomei isso como uma influencia momentanea da nostalgia de cá; a esta hora, a nostalgia de lá terá tomado a desforra. O advogado de certo já pedio a palavra para protestar.

Mande-me noticias suas de vez em quando, sabe quanto eu sou fiel ás recordações da minha vida.

Penso ás vezes na sua bella livraria e no que lhe ha de custar viver privado d'ella.

Conheci-o sempre n'aquelle quadro, no qual V. deixou tanto de si mesmo que não lhe será fácil substituil-o por outro. Ahi, defronte do Tejo, quer-me parecer que V. ainda melhor se sentiria n'elle, se não fosse a sua caracteristica, de homem de acção.

Muitas recomendações á Senhora sua irmã e accite um abraço do seu

Velho Camarada.

JOAQUIM NABUCO

Nota da Redacção. — Dado o limitado numero de paginas de que dispõe esta publicação, tivemos de reservar para o próximo numero a continuação do bello estudo, com que esmalta as paginas da «Revista Universal Portuguesa» o conhecido publicista e escritor sr. dr. Henrique de Villena. Na mesma occasião serão publicadas mais cartas inéditas de Joaquim Nabuco ao dr. Alberto de Carvalho.